

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): PERSPECTIVAS A PARTIR DE UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Kadija Cristina Barbosa da Silva ¹
Maria Luziene de Sousa Gomes ²
Luís Eduardo Soares dos Santos ³

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) segundo GOMES et al (2014) tem como conceito uma síndrome neuropsiquiátrica evidenciada por manifestações comportamentais acompanhadas por déficits na comunicação e interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados e um repertório limitado de interesses e atividades. De difícil diagnóstico, o autismo vem sendo amplamente estudado e difundido durante os últimos anos. Partindo do pressuposto de que quanto mais precoce forem identificados os sinais característicos, mais efetivo será o tratamento e, para, além disso, é necessário que todos os profissionais do âmbito da saúde e educação se reciclem para que atendam de forma integral as demandas das pessoas acometidas pelo autismo.

Esse transtorno se destaca pela dificuldade em estabelecer interações sociais desde os primeiros anos de vida, além de causar sobrecarga aos pais ou cuidadores. Apesar de ser um problema de grande importância como dito anteriormente, é muito recente a construção de estratégias para o cuidado e atenção dessa população pelo SUS. Por muitos anos a população com autismo era predominantemente assistida por instituições de caráter filantrópico, associações de familiares, dispositivos da assistência sociais, poucos serviços de saúde mental ambulatorial ou hospitalar (COUTO, 2004; BRASIL, 2015). Somente a partir da normatização pela Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, foi constituído o primeiro projeto da saúde mental pública brasileira a incluir o autismo no escopo de sua responsabilidade, através da implantação dos Centros de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) nas diferentes regiões do país de acordo com o contingente populacional (LIMA et al.,2017).

Nos serviços de saúde que dispõem serviço especializado no tratamento e acompanhamento de pessoas com TEA, é fundamental que a assistência seja implementada de forma multiprofissional, pois, desta forma, possibilita um cuidado integral à saúde de cada usuário. Seguindo o pensamento de que é necessária uma abordagem holística, destaca-se o enfermeiro como peça fundamental dentro desse processo de cuidados.

O enfermeiro pode colaborar de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do autismo, através das observações dos comportamentos, mediante a consulta de enfermagem para verificar e analisar o crescimento e o desenvolvimento como também, podem auxiliar os pais e responsáveis dando suporte e informando-os quanto aos desafios e procedimentos auxiliares que os mesmos utilizarão no processo de cuidar da criança com autismo. Sendo assim a ligação entre o enfermeiro e a criança autista e seus familiares torna-se um elo de fundamental importância, uma vez que no desempenhar do seu trabalho, principalmente o enfermeiro da ESF (Estratégia de Saúde da Família), que possui

¹ Graduada do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí - UFPI, kadijacristina12@hotmail.com;

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará-UFC, luziene-94@hotmail.com;

³ Professor orientador: Mestrando no Programa de Pós Graduação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Piauí - UFPI, luisedu.edu19@gmail.com.

maior contato, como durante as consultas, visitas domiciliares demonstra um olhar cuidadoso, sem preconceitos, precavendo às necessidades do outro e a sua angústia, visto que na maioria das vezes haverá a dificuldade da interação oral por parte do autista, cabendo ao enfermeiro a escuta e prestação de uma assistência singular. (DE SENA et., al 2015).

Nessa conjuntura, destacando a importância da reformulação do modelo de atenção a esse público, buscando, ainda, a integralidade do cuidado, a assistência de enfermagem nesse contexto tem por finalidade o cuidar, buscando envolver suas ações não apenas no problema, mas também junto à família, com o dever orientar e esclarecer sobre a doença, a fim de suavizar o medo, o sentimento de impotência e inferioridade, gerado pelo preconceito existente na sociedade em relação ao autismo.

Assim, buscando uma maior efetividade das ações e cuidados prestados, surge a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), que é um instrumento regulamentado de caráter científico do enfermeiro com o objetivo de organizar o trabalho profissional, sendo possível a implementação do Processo de Enfermagem (PE), que é organizado em cinco etapas inter-relacionadas: coleta de dados, diagnóstico de enfermagem, planejamento, implementação e avaliação de enfermagem. A utilização desse instrumento científico assegura ao profissional a habilitação do gerenciamento do cuidado e o planejamento das atividades, além de servir como guia para as ações prescritas. Neste cenário, a utilização da SAE proporciona aos pacientes uma assistência individualizada e de maior visibilidade de suas ações e serviços (SILVA et., 2015).

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem no processo da Sistematização da Assistência de Enfermagem e dos cuidados de enfermagem prestados a pacientes com transtorno do espectro autista, no sentido de promover ações que contribuam para o tratamento continuado no serviço de saúde, bem como dentro do seio familiar, já que se trata de uma condição que exige cuidado a longo prazo, que muda a estrutura da rotina familiar e exige adaptações na vida em todos os aspectos e não somente dos pais, mas todos aqueles que convivem com o paciente.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência produzido a partir de vivências de acadêmicos de enfermagem durante o estágio curricular II, no curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí-CSHNB. Foi realizado em uma Clínica de Reabilitação Multiprofissional localizada em uma cidade no interior do Piauí, que oferece atendimento a crianças e adultos acometidos pelo transtorno do espectro autista. O campo de prática compreendeu o período de setembro e outubro de 2017.

DESENVOLVIMENTO

O estágio supervisionado foi realizado durante os dois meses em um Centro Especializado em Reabilitação (CER), o local é um ponto de atenção ambulatorial especializado em reabilitação e atua como serviço privado, porém faz atendimentos em caráter complementar para o SUS. Nessa instituição é realizado diagnóstico, tratamento, concessão, adaptação e manutenção da tecnologia assistiva, constituindo-se em referência para a rede de atenção à saúde da pessoa com TEA e outras patologias no território. É organizado a partir da combinação de no mínimo duas modalidades de reabilitação utilizando de equipe multiprofissional constituindo-se em referência para a rede de atenção à saúde no território (BRASIL, 2014).

Ponderando a respeito da equipe multiprofissional, o objetivo da avaliação de vários profissionais não é apenas o estabelecimento do diagnóstico, mas sim a identificação do potencial da pessoa e de seus familiares. Isso só é possível ser alcançado extraindo das equipes o que elas têm de melhor nos seus respectivos campos de atuação, ao mesmo tempo em que cada um interage com o outro, são parte da equipe: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacional, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais e nutricionistas. Na avaliação dos pacientes em fase de desenvolvimento, além da constante observação dos padrões comportamentais, é indispensável o relato de professores e outros profissionais que atuam na comunidade, sabendo que devido à característica da doença é comum haver diferenças expressivas no comportamento de acordo com o ambiente (BRASIL, 2014).

Para além de uma assistência multiprofissional, é necessário que haja uma articulação da rede de cuidados a esse público, logo, é preciso utilizar-se de ações e serviços articulados entre si com o objetivo de construir vínculos entre os diversos serviços e atores da rede de saúde. Nesse sentido, visando a efetividade de resolução e atenção à saúde dessas pessoas, é de suma importância fortalecer a rede conforme as diretrizes definidas e, mais do que isso, é preciso respeitar e dar visibilidade aos movimentos singulares existentes, na condição de uma rede viva e resolutiva de cuidados, ressaltando que esta rede deve ser tecida nos encontros cotidianos entre gestores, trabalhadores e usuários (DUBOW; GARCIA; KRUG, 2018).

Com isso, ao estar inseridos nesse ambiente, os acadêmicos de enfermagem têm a oportunidade de realizarem uma análise e estudo com as crianças acometidas de autismo e suas dificuldades em relação à doença e de como o enfermeiro pode atuar para que essa assistência seja prestada de modo eficaz, uma vez que durante a graduação não somos evidentemente preparados para lidar com essas patologias, e que a qualquer momento podemos nos deparar com um caso, seja no hospital durante os atendimentos ou na comunidade da unidade de saúde onde atuamos, já que somos o principal elo da saúde na comunidade constituindo o primeiro contato da população com as redes de atenção a saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização da SAE é de uso obrigatório em todos os serviços onde há assistência de enfermagem segundo a Resolução COFEN nº 358/2009, no local do presente estudo, é empregada por meio de um formulário onde é escrito e assinalado as repostas provenientes da anamnese e do exame físico do paciente no momento da triagem, antes de todos os atendimentos multiprofissionais, além de ter a finalidade para coletar dados, atualizar o histórico do paciente e registrar progressos e dificuldades encontradas no período em que não frequentaram a clínica, visto que os encontros aconteciam apenas três vezes na semana.

Como dito anteriormente, a SAE possui cinco etapas e que, ao completá-las, podemos traçar um perfil de cuidado individualizado baseada nos diagnósticos de enfermagem e planejamento das ações, pode-se intervir com tecnologias leve e leve dura, através de educação em saúde para os responsáveis e atividades lúdicas que despertem o interesse da criança e sirva de estímulo complementando o trabalho dos demais profissionais (SILVA et., 2015).

O processo de enfermagem compõe ações que necessitam auxiliar a criança a conhecer suas aptidões, habilidades e potencialidades, se aceitando, encarando e convivendo com suas limitações. Assim, estará ajudando em sua reabilitação, meta esperada das intervenções terapêutica que se utiliza durante SAE. O papel do enfermeiro que atua constantemente na saúde mental necessita desempenhar suas atividades baseado em um contato terapêutico,

ampliando suas habilidades para se relacionar com seus pacientes de maneira que possa compreender o significado dos seus padrões comportamentais e poder amparar. DA SILVA BARBOSA (2017).

Vale ressaltar o quanto essas vivências são imprescindíveis para a formação dos acadêmicos de enfermagem, uma vez que experiências como essas fortalecem o processo de manejo e aplicabilidade de instrumentos de assistência, pois são fundamentais para a continuidade do cuidado prestado pelos demais profissionais da equipe multiprofissional, pois todos atuam em conjunto de forma horizontal.

Corroborando com o que fora supracitado, os estágios supervisionados e aulas/atividades práticas, funcionam como mecanismos potentes dentro desse contexto, visto que o contato com crianças autistas buscando realizar as consultas e interagir com os familiares, são formas eficientes de moldar o futuro profissional. O estágio supervisionado garante aos acadêmicos uma ocasião de se autodescobrir como profissional, de habituar-se a outros colegas de profissão, de atuar e agir com responsabilidades que lhes são conferidas e principalmente treinar a liderança de equipe, tão essenciais para a formação do futuro enfermeiro (LIMA et al,2014).

O TEA ainda é uma patologia recente, que vem sendo amplamente abordada, contudo, muitos profissionais não são capacitados ou desconhecem essa temática enquanto assistência, podendo ser reflexo da fragilidade do processo de formação em saúde, o que reitera a relevância do contato direto com esses pacientes.

Ainda nesse sentido, cabe destacar que é de competência do enfermeiro a criação e direção de um ambiente terapêutico, salvo que são eles os profissionais que passam maior tempo em contato direto com os pacientes em relação aos outros profissionais. No local onde o estudo ocorreu, a ambiência foi amplamente trabalhada para receber as crianças, estímulos visuais, ferramentas, brinquedos e os principais objetivos do ambiente terapêutico têm é ajudar as crianças autistas a desenvolver o senso de autoestima e autocuidado; estimular a capacidade de interação com os outros, em ênfase na construção de laços com toda a equipe multiprofissional; (DE SENA et.,al 2015).

É importante destacar o desenvolvimento das pesquisas científicas como forma imprescindível abordar sobre a relação paciente-enfermeiro, a fim de nortear a prática do profissional de enfermagem para melhor atender e cuidar do paciente autista. Com isso, o profissional compreenderá o relevante papel que o mesmo possui, e há a necessidade de se capacitar, com o intuito de adequar o acesso ao conhecimento das diferentes técnicas de comunicação e orientações a respeito do comportamento da criança autista DE SENA et.,al (2015).

As dificuldades encontradas no estudo foram em relação às atividades implementadas, devido aos diversos graus de autismo que podem ser encontrados nas crianças. Algumas possuíam muitas limitações nas interações com outras pessoas, ficavam agitadas e propensas a prejudicar a integridade física, o que de certa forma acaba causando uma resistência dos responsáveis em permitir certas atividades. O trabalho com os familiares deve ser constante, pois é complexo para que compreendam as limitações da doença, é necessário paciência e consistência para que eles se sintam capacitados, estratégias como dinâmicas de grupo são capazes de promover apoio emocional e ajudar essas famílias a serem mais resistentes em relação à demanda por renovação e dedicação aos filhos, além do que em grupo e com outras pessoas que estão passando pelo mesmo acabam por se sentirem incluídas e aceitas socialmente (GOMES et., al 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com base nesse trabalho que o autismo necessita ser amplamente discutido, pois por maior que seja o avanço em termos de pesquisas científicas direcionadas a essa população, ainda temos um longo caminho a percorrer. Desmistificar, conscientizar, habilitar a população e os profissionais para que estejam verdadeiramente aptos para receber essas pessoas nos estabelecimentos de saúde, e atender as necessidades que elas possuem, e assim as chances de inserção social serão mais elevadas.

O profissional da enfermagem como parte da equipe multiprofissional tem o papel muito importante nesse percurso e a vivências como essas são elementos importantes na formação do enfermeiro, pois o coloca em contato com o processo de enfermagem, onde se examina, planeja, diagnóstica, executa e avalia os pacientes. Este estudo favoreceu o contato dos acadêmicos com condições de saúde que fogem da rotina dos estabelecimentos de saúde comum, pois nos coloca em outra perspectiva que possibilita observarmos que avaliar comportamentos e trabalhar em equipe, buscando sempre o apoio e participação do responsável e família, são efetivos nos planos de assistência. Poder colaborar com os profissionais atuantes na área promove uma troca importantíssima de conhecimentos entre ambas as partes que reflete consequentemente, em um cuidado humanizado, individualizado e resolutivo.

O estágio como contribuição do processo de ensino-aprendizagem traz contato direto com um serviço de reabilitação física e cognitiva, uma vez que a dinâmica da assistência onde o enfermeiro atuante contribui e auxilia nesse processo. Apesar de muitas vezes o tempo em campo de prática ser restrito – o que acaba fragilizando a continuidade do vínculo assistivo com os usuários – nos deparamos, também, com resistência por parte dos pacientes e familiares, visto que eles apenas nos enxergam pela ótica da inexperiência (sem generalizar) enquanto estudantes, e não por estarmos no processo de finalização da formação em saúde. Contudo, vale ressaltar que os acadêmicos de enfermagem e, posteriormente, futuros profissionais, contribuem bastante durante o processo assistencial desenvolvendo principalmente ações estruturadas por meios de metodologias ativas, novas tecnologias em saúde e atividades terapêuticas. Por fim, dar autonomia aos discentes de forma responsável para que se possa desenvolver a segurança em proporcionar um atendimento com propriedade, qualificando-se em um bom profissional, é o objetivo primordial do estágio supervisionado no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Autismo, Enfermagem, SAE, Crianças e Adolescentes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. – Brasília, DF, Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do SUS**. Brasília, DF, Ministério da Saúde, 2015.

COUTO, M. C. V. **Política de Saúde Mental para crianças e adolescentes: especificidades e desafios da experiência brasileira** (2001-2010). 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

DE SENA, R.C. F; et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

DA SILVA B. P. A.; DOS REIS N.C. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Múltiplos Acessos**, v. 2, n. 2, 2017.

DUBOW, C.; GARCIA, E. L.; KRUG, S. B. F. Percepções sobre a Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência em uma Região de Saúde. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 117, p. 455-467, 2018.

GOMES, P.T.M; et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.

LIMA, R.C.; et al. Atenção psicossocial a crianças e adolescentes com autismo nos CAPSi da região metropolitana do Rio de Janeiro. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 196-207, 2017.

LIMA, D.; PEREIRA, O. Contribuições do estágio supervisionado para a formação do profissional de enfermagem: expectativas e desafios. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 3, n. 2, 2014.

SILVA, J.P.; GARANHANI, M.L.; PERES, A.M. Sistematização da Assistência de Enfermagem na graduação: um olhar sob o Pensamento Complexo. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, São Paulo, v. 23, n. 1, p.59-66, fev. 2015.